

Missão Impossível

Ana Maria Magalhães · Isabel Alçada

Ilustrações de Carlos Marques



FUNDAÇÃO JORGE ÁLVARES

Missão Impossível

Ana Maria Magalhães · Isabel Alçada

Ilustrações de Carlos Marques



FUNDAÇÃO JORGE ÁLVARES

largo principal. Todos pareciam admirá-lo imenso e não se cansavam de repetir frases do tipo: «Devia ser um homem extraordinário, porque partiu pobre, de mãos a abanar, e conseguiu fazer fortuna.» «Extraordinário e corajoso. Lembrem-se de que viajar a bordo das naus rumo à Índia e à China não era nada fácil.» «Pois não. Vocês já pensaram nos riscos que corriam? Meses sem fim a bordo de navios sem conforto, falta de mantimentos, ataques de inimigos... E a natureza em fúria: ondas gigantescas, relâmpagos que incendiavam navios, ventos ciclónicos...»

As palavras que o dono da casa acabava de pronunciar tiveram uma espécie de efeito mágico, pois rebentou-lhes em cima uma inesperada tempestade violentíssima, com raios a atravessar o céu de uma ponta à outra, trovões ensurdecedores e uma carga de água monumental.

Por um instante fez-se silêncio, depois o bebé começou a choramingar e alguém comentou, na brincadeira:

— Se em vez de estarmos debaixo de telha estivéssemos a bordo de uma nau seria bem pior...

E de novo as palavras pareceram desagradar aos céus, porque caiu um raio no jardim, ouviu-se outro tipo de estrondo e faltou a luz.

— Ora esta, ora esta...

O dono da casa precipitou-se para o quadro da eletricidade e regressou desiludido.

— Nada feito! É geral.

De facto, através da janela, as únicas luzes que se vislumbravam eram as da natureza que continuava a festejar a primavera de forma desconcertante, pois brindava os habitantes da zona com raios azuis e roxos a um ritmo alucinante.

O bebé agora berrava a plenos pulmões, a mãe vasculhava no saco à procura da chupeta, os donos da casa foram buscar velas. Pouco depois, a sala de jantar parecia uma sala de outros tempos, com zonas de sombras e recantos misteriosos. Os copos rebrilhavam de outra maneira, os talheres faiscavam

como se fossem de prata, e os bolos, aqueles belos bolos já meio comidos, mudaram de cor. Rodrigo, embora empanturrado, não resis-tiu e serviu-se de mais uma fatia do pudim que passara do tom amarelo inicial a um castanho acobreado. Não fazia frio, mas o temporal pedia lume. Felizmente, a lareira era na sala ao lado. Alguém propôs mudarem-se para lá, toda a gente se levantou e ele, Rodrigo, ficou livre para ir para onde lhe apetecesse. Convencido de que podia lançar-se sobre o computador, estabelecer contactos via internet e esquecer a tristeza que há uma semana lhe pesava sobre o coração, esgueirou-se para a biblioteca da casa onde o tinha deixado. Mas, azar dos azares, o computador estava sem bateria e a falta de eletricidade impedia-o de o pôr a carregar.

— Era só o que faltava! — resmungou. — Não me faltava mais nada!

Aborrecido, deixou-se cair num sofá de cabedal e recostou a cabeça para trás. Lá fora, a tempestade continuava num desvario de rajadas violentas, trovões pavorosos e relâmpagos sucessivos. De súbito, um clarão ainda mais intenso iluminou a parede em frente e fez rebrilhar a lombada de um livro grosso arrumado na última prateleira da estante, junto ao teto. Por um instante, as letras que o identificavam pareceram saltar da lombada e rodopiar, soltas, até terminarem reduzidas a partículas luminosas.

Rodrigo pestanejou, perturbado com o estranho fenómeno.

— Hum... deve ter sido uma ilusão de ótica!

No minuto seguinte, os clarões de um raio incidiram sobre a estante de tal modo que ele quase só viu as mesmas letras a saltarem do lugar e descaírem de mansinho até ao chão, desta vez afogando-se no tapete e espalhando em volta respingos gordos, em tons de ouro. Surpreendido, levantou-se do sofá e remexeu no tapete.

«Talvez seja um livro velho, com letras mal coladas. Se calhar soltaram-se devido às vibrações da tempestade», pensou.

Como não encontrou nada no tapete, ergueu os olhos para o livro e quis pegar-lhe. Puxou o pequeno escadote de madeira que lhe permitiria alcançá-lo, subiu rapidamente e voltou para baixo com um volume grosso de páginas

amarelecidas, que à luz da vela adquiriam um reflexo fabuloso. Tentou ler, mas nem o título conseguiu decifrar.

— Escrita antiga, numa língua que desconheço. Impossível!

A única coisa que pôde verificar foi que a inscrição da lombada se encontrava intacta.

— Tudo ilusão de ótica — concluiu.

Preparava-se para repor o livro na estante quando de entre as páginas escorregou uma folha de papel de rebordo comido pelas traças. Escrita à mão, num português de outros tempos, em todo o caso decifrável. Curioso, chegou-se mais para junto da vela que ardia em cima da mesa e tentou ler a mensagem que alguém ali guardara ou escondera em tempos. À medida que ia percorrendo as linhas e o texto ganhava sentido, a curiosidade aumentava.

— Que engraçado! Que coincidência isto vir-me parar às mãos assim, sem mais nem menos!



Um último relâmpago e os trovões que se afastavam levando a chuva com eles deixaram-no pensativo.

«Há coisas que não se entendem, mas têm piada. Será que descobri esta carta

por acaso? Ou chegou até mim devido ao magnetismo da tempestade?»

Voltou a trepar ao escadote, repôs o livro no lugar e dirigiu-se ao quarto, de computador debaixo do braço, vela na mão direita, a carta bem segura na esquerda porque queria lê-la outra vez e com calma.



O mistério das garrafas Jorge Álvares

Depois de ter lido e relido a carta à luz da vela, Rodrigo pousou-a na mesa de cabeceira e pensou em voz alta.

— Bom, vamos lá ver o que consegui ficar a saber com certeza absoluta. Contando pelos dedos, prosseguiu:

— Primeiro, a carta foi escrita por um homem chamado Samuel Andrade que também era daqui de Freixo de Espada à Cinta e tinha cá família.

«Segundo, conhecia o Jorge Álvares e estavam ambos a fazer negócios em Patane, terra de que eu nunca ouvi falar, mas pela conversa percebe-se que fica entre a Índia e a China.

«Terceiro, nesta carta, que o Samuel mandou aos pais em 1552, fala de um jantar em casa do seu amigo Jorge Álvares, que pelos vistos ficava à beira-mar.

«Quarto, nesse jantar os convidados eram todos navegadores, homens de negócios portugueses e estrangeiros, e também lá estava um adivinho chinês.

Ao chegar a este ponto, encolheu os ombros e continuou a falar consigo próprio.

— O problema é que o mais interessante não se consegue perceber bem porque as letras estão desbotadas e algumas até desapareceram. Deixa cá ver em contraluz.

Ergueu o papel e colocou-o em frente da chama da vela, com cuidado para não o queimar. Não adiantou, pois só pôde ver claramente palavras que já decifrara antes.

— Prenda especial... garrafas de loiça... ele disse vão viajar para várias partes do mundo e durar séculos... ocultar tesouro... pó de *fortun*.

Entretido com aquela espécie de enigma que lhe espicaçara a curiosidade, não

se apercebeu de que a tempestade passara, a eletricidade voltara, e o candeeiro do teto se encontrava de novo aceso. Passeando de um lado para o outro em cima do tapete, pôs-se a magicar.

— Tesouro, tesouro, que tesouro será? Moedas de ouro ocultas em garrafas de loiça? Hum... impossível porque tilintariam. Será pó? Mas aqui diz «pó de *fortun*». Pó de *fortun*... Não estou a ver o que seja. E quem terá dito que as garrafas iam viajar por todo o mundo e durar séculos? O adivinho chinês?

Sem resposta para as suas perguntas, estendeu-se ao comprido na cama. Só então reparou nas lâmpadas acesas e logo se levantou de um salto para ligar o computador.

— Se as garrafas viajaram para várias partes do mundo, talvez uma tenha vindo parar aqui, e eu, com sorte, seja capaz de encontrar o tal tesouro ou o tal pó de *fortun*.

Ao ligar o computador, levantou-se-lhe uma dúvida.

— Para fazer a pesquisa, o que hei-de escrever?

Ocorreu-lhe que o jantar em casa de Jorge Álvares pudesse ter sido uma festa de anos e as garrafas de loiça, prendas especiais que lhe oferecessem.

— Se calhar, cheias de vinho ou de outras bebidas exóticas daquelas bandas.

Optou então por escrever «garrafas Jorge Álvares» no motor de busca. O resultado não se fez esperar. No ecrã apareceram imediatamente uma data de informações que começavam por «Fundação Jorge Álvares». Clicou e logo surgiram fotografias de uma garrafa de loiça branca com desenhos azuis.

— Cá está! Acho que acertei! Vamos lá ver aonde é que esta pesquisa me leva.

Pouco depois já sabia muito mais sobre o assunto.

— Pelos vistos, enganei-me. As garrafas foram prendas que o próprio dono da casa ofereceu aos convidados naquele jantar.

A prova estava numa frase inscrita à volta do gargalo.

Faltavam letras, mas percebia-se o que significavam: *Isto mandou fazer Jorge Alvrz na era de 1552 reina.*

— Não há qualquer dúvida, e até a data coincide com a da carta, 1552.

O texto do *site* explicava que pelo menos nove garrafas tinham resistido ao tempo e se encontravam espalhadas por museus e casas particulares de várias partes do mundo.

— Ou seja, se foi o adivinho a fazer as previsões, acertou. Agora só me falta descobrir se alguma delas ainda esconde um tesouro e onde é que essa está.

Concentrado no ecrã, percebeu o que a palavra *reina* fazia no meio daquilo tudo porque um historiador dera-se ao trabalho de acrescentar que a frase pintada à volta do gargalo tinha ficado incompleta por falta de espaço.

Na opinião desse historiador, o resto só podia ser «reinando em Portugal D. João III».

— O que para mim pouca importância tem. Quero é pôr-me em campo e descobrir o tesouro escondido dentro de uma garrafa, na noite em que Jorge Álvares deu uma festa em sua casa, lá para as bandas do Sol nascente.

Sentado diante do computador, esqueceu por momentos aquele enredo porque tomou consciência de que se sentia leve e bem-disposto.

— Realmente, quando uma pessoa está entretida, esquece os problemas.

Levou a mão à camisola e sacudi-a como se o gesto lhe permitisse afastar para longe a lembrança da colega Marina. Tinha gostado dela de uma maneira especial desde o primeiro dia de aulas, andavam sempre juntos com um grupo de amigos, e afinal na semana antes das férias da Páscoa a estúpida resolvera mudar de grupo.

Não explicara porquê, mas ele sabia que tinha sido por causa do parvo do Júlio, sempre a armar em bom, a dizer piadas, a segui-la com olhos faiscantes. Se pudesse, esmurrava-o até o pôr a sangrar do nariz.

Infelizmente, não tinha tido oportunidade, e entretanto meteram-se as férias.

— Que semana horrível!

Na viagem com os pais até à quinta de Freixo de Espada à Cinta quase não abrira a boca porque sentia um peso no peito. Ao jantar continuara acabrunhado, mas agora, à conta daquela carta antiquíssima, quase esquecera a Marina, o Júlio e a traição.

— Tenho de agradecer ao Jorge Álvares, ao Samuel Andrade e ao adivinho chinês! Ora, qual é melhor maneira de agradecer? Encontrar o tesouro de que fala a carta!

Como na internet havia uma lista dos locais onde se encontravam as garrafas Jorge Álvares, começou por pensar que seria fácil. Mas, depois de identificar esses locais, desanimou. Três estavam em Portugal, mas as outras encontravam-se espalhadas pelos quatro cantos do mundo.

— Paris, Londres, Brasil, Estados Unidos, Irão... E ainda por cima todas em museus ou em coleções particulares. Se assim é, valem muito dinheiro e com certeza estão muito bem guardadas. Não há qualquer hipótese de eu as examinar.

Nesse preciso momento, que surpresa! A cara da Matilde, a prima preferida com quem habitualmente conversava através do *skype*, apareceu no ecrã.

— Ainda bem! Estava mesmo a precisar de companhia!

Clicou no rato e o ecrã ficou totalmente preenchido pela cara risonha que o saudava.

— Olá, Rodrigo!

— Olá!

— Onde estás?

— Nem queiras saber.

— Ai quero, quero.

— Então ouve. É uma história incrível.

Preparava-se para fazer o relato quando o Luís surgiu no ecrã, a pedir para entrar na conversa. Novos cliques e o ecrã ficou dividido ao meio: de um lado, a Matilde; do outro, o Luís, que também se mostrou interessado na história incrível que o Rodrigo ansiava contar. E ele fê-lo escolhendo frases expressivas e incluindo o projeto louco de ir em busca das garrafas espalhadas pelo mundo, a fim de descobrir se guardavam ou não um tesouro.

Luís riu-se com vontade.

— Tens cada ideia... Só tu é que te lembravas de uma dessas!

Em vez de concordar, Rodrigo decidiu fingir que se mantinha na sua.

— Sabes muito bem que sempre gostei de missões impossíveis!

— Eu alinho — disse a Matilde meio a brincar, meio a sério.

— Nesse caso, eu também — disse o Luís no mesmo tom.

— E o melhor é começarmos pelo museu do Irão, que fica perto e deve ter lá empregados à nossa espera para abrirem as vitrines e nos deixarem remexer em tudo o que quisermos.

Matilde interrompeu-o.



— Eu por mim preferia partir já para Londres ou Paris.

E até tenho a certeza de que encontramos o tesouro.

O problema é que pode ser só *pó de fortun*.

Rodrigo riu-se, mas depois perguntou:

— Olhem lá, algum de vocês sabe o que é *pó de fortun*?

Luís deu uma gargalhada.

— Com esse nome, palpita-me que seja uma espécie de areia malcheirosa, ou então dentes de macaco moídos. E se foram guardados na garrafa há mais de quatrocentos anos, nem imagino o pivete! Ah! Ah! Ah!

A patetice caiu-lhe no goto e por instantes desapareceu de cena. Quando voltou, a Matilde acabava de introduzir um elemento novo na conversa.

— Pensando bem, se calhar falta aí uma letra. Não é pó de *fortun*, é pó de fortuna. E, nesse caso, talvez seja ouro em pó. Que dizem?

— Que sim! — responderam os rapazes.

Matilde ficou pensativa uns segundos e reconsiderou.

— A palavra fortuna tem dois significados possíveis.

Pode ser riqueza ou...

— Sorte! — disseram os três em coro.

Sem entenderem porquê, as caras sumiram-se e deram lugar à imagem de uma das garrafas de loiça pintadas de azul. E por acaso até era a que pertencia à Fundação Jorge Álvares. Só que agora aparecia-lhes ampliada e podiam ver melhor os desenhos. Perceberam que um deles representava a figura de um animal estranho, género dragão, com pernas finas, nariz e olhos redondos e uma haste que lhe saía da testa e devia ser mole, pois agitava-se suavemente.

— O que é isto? — balbuciaram, estupefactos.

— Sou um Ch'i lin — respondeu-lhes a figura abrindo a boca enorme e sorridente. — Ch'i lin... Ch'i lin.

Tinha uma voz doce, que lembrava sinos, sinos pequenos ou sopro de flautas, como se, em vez de falar, emitisse acordes musicais estonteantes.

— Ch'i lin... Ch'i lin...

Já nenhum deles sabia se estava acordado ou a dormir, se aquela voz os deixara zonzos ou se queria embalá-los até mergulharem todos juntos no mesmo sonho.



III

O Ch'i lin e o triângulo da força

Mudos de espanto, aperceberam-se que aquele estranho ser realmente não falava, exprimia-se através de uma música desconhecida que na cabeça deles se transformava em frases com significado.

— Estou aqui porque vocês me chamaram.

— Nós?

— Sim. Quando olharam os três ao mesmo tempo para a minha imagem pintada na garrafa e disseram a palavra *sorte*, formaram um triângulo de força chamativa.

— Hum?

O Ch'i lin como que dançou no ecrã e prosseguiu:

— Os triângulos de força são raros e têm efeitos especiais.

— E como é que se formam? — perguntou a Matilde.

— Quando se reúnem três elementos muito poderosos: amizade, curiosidade, vontade.

— Isso não nos falta — disse o Luís em surdina.

— Eu sei. É por isso que aqui estou.

— Vais revelar-nos o mistério da garrafa?

— Não, porque não me compete. As descobertas exigem esforço por parte do descobridor. Se se sentem firmes no desejo de desvendar o mistério, se estão dispostos a enfrentar as três provas necessárias para satisfazer a vossa curiosidade, o que posso é ajudá-los a iniciar o percurso.

— Como?

— Conduzindo-os ao ponto de partida e deixando que sejam vocês a percorrer os caminhos que permitem atingir o ponto de chegada, a meta, o lugar onde tudo se revelará!

Calou-se e eles ficaram em silêncio. À volta de cada um adensara-se uma bolha de escuridão em que brilhava apenas a figura azul do Ch'i lin ondulante, repetindo no seu tom brando:

— Querem vir comigo? Querem vir comigo?

— Queremos — responderam por fim, a uma só voz.

No mesmo instante foram sugados para bordo de um carro de luz atrelado ao Ch'i lin, que entretanto mudara de aspeto. Em vez de ser todo azul, tinha o corpo às manchas de várias cores e a barriga amarela. Mas a expressão dos olhos redondos, serena e amável, não metia medo a ninguém.

— Vamos partir por ares nunca antes navegados — informou. — Preparem o espírito e o corpo para o que der e vier. E lembrem-se de que, sendo os perigos diferentes, diferentes devem ser as maneiras de os enfrentar.

Mantenham-se unidos, mantenham a calma e procurem fazer a escolha mais adequada, a escolha mais inteligente para cada caso.

Aqueles conselhos, se eram sábios, também eram inquietantes. Noutras circunstâncias, talvez se assustassem. Mas, deslizando a grande velocidade por entre nuvens que, ora tapavam o sol, ora refletiam raios dourados e ofuscantes, não conseguiam pensar em nada.

No entanto, não se sentiam inseguros. Sentiam, isso sim, uma espécie de vertigem mental em que havia entusiasmo e pismo. Pouco depois, foram arrebatados por um turbilhão de ventos em remoinho que depressa se transformaram num tufão dos mais violentos.

— Socorro! Socorro!

Por muito que gritassem, a voz não lhes saía da garganta, mas pior do que isso foi verem o carro e o Ch'i lin desvanecerem-se. Entregues à sua sorte,

flutuavam agora entre o céu e a terra. Ou seria entre o hoje e o amanhã? Ou entre o mundo real e o mundo virtual? Fosse lá o que fosse, tratava-se certamente do primeiro desafio.

Veio-lhes então à ideia um dos conselhos: *mantenham-se unidos*. Matilde, que estava entre os rapazes, abraçou-os pelos ombros e apertou-os de encontro a si, de modo a formarem um bloco único.

— Calma! Calma! — dizia o Rodrigo.

— O melhor é não dar luta — gritou o Luís. — Não se pode lutar contra ventos tão fortes. Segurem-se bem e deixem-se levar...

Apesar do ruído insuportável da desvairada ventania, entreouviam as palavras do amigo, compreenderam que tinha razão, não ofereceram resistência e deixaram-se levar como se fossem plumas. O vento enrolava-se e acabou por tomar a forma de um tubo em espiral.

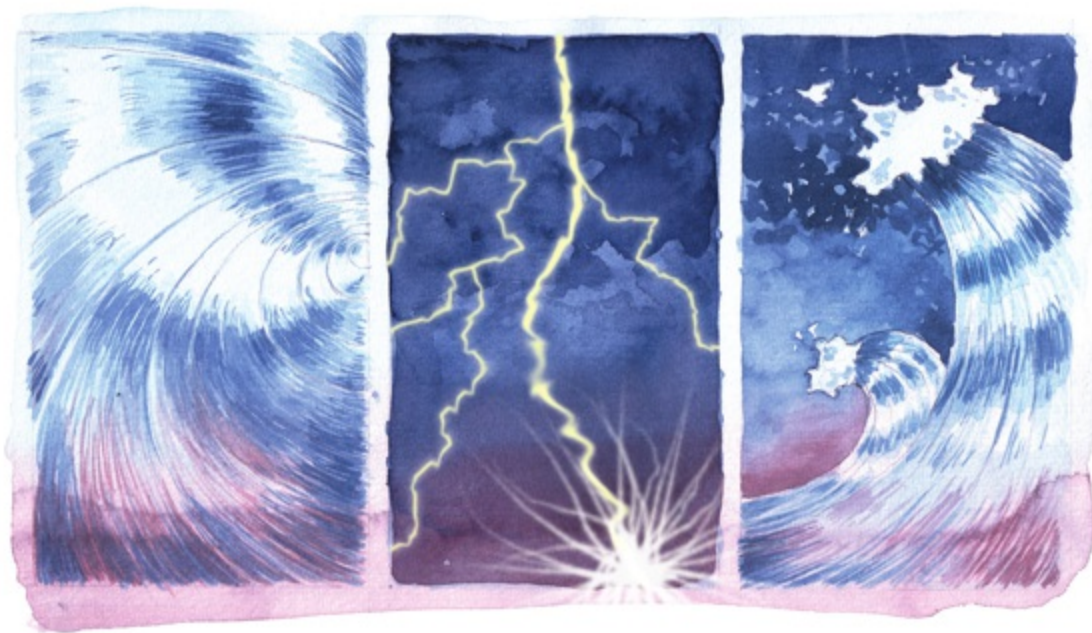
Girando ao sabor das rajadas, foram perdendo altura como se escorregassem por uma rampa encaracolada, que acabou por cuspi-los no mar.



O mergulho obrigou-os a soltarem-se. Dentro de água, era cada um por si. Esbracejaram para vir à tona e poder respirar. Ainda completamente atarantados, verificaram que o tufão se afastava para longe, mas ao longe crescia uma onda gigantesca.

— Que horror!

— E agora?



IV

Enfrentar desafios

— Agora mudamos de tática. Se nos deixarmos levar pela onda como nos deixámos levar pelo vento, ela enrola-nos, arrasta-nos e afoga-nos. Temos de mergulhar bem fundo para impedir que a crista nos apanhe e depois furar a onda no sítio certo.

— E no momento certo. Vamos esperar que a onda se aproxime e mergulhamos antes que rebente em cima de nós!

De olhos postos na massa de água que se erguia ameaçadora, procuravam manter-se à tona e controlar a respiração para não perder o fôlego.

«Calma! Calma!», dizia cada um a si próprio. «Calma!»

Quando o caracol da rebentação já estava quase formado, gritaram uns aos outros: «Agora!». E então encheram os pulmões de ar, mergulharam com determinação e aguentaram-se o máximo tempo possível antes de vir à tona, para o poderem fazer com segurança. Correu tudo bem. A onda já lá ia, desfeita em espuma, a avançar em direção a uma tira de areia branca. Não foi preciso combinarem o que fazer a seguir: nadaram todos para a praia, tendo o cuidado de olhar para trás, não fosse surgir entretanto outra onda gigantesca. Felizmente não aconteceu e puderam aproveitar a força da ondulação para atingirem terra. Mal pisaram o areal, ergueram-se ofegantes e afastaram-se da beira-mar aos tropeções.

Adiante, estenderam-se na areia seca, exaustos do esforço, mas contentíssimos por terem escapado. Durante alguns minutos não trocaram palavra, nem levantaram a cabeça. Quem os veio despertar do torpor morno que lhes tinha tomado conta do corpo e do espírito foi uma tartaruga enorme, de carapaça rugosa, que avançava pachorrenta, deixando atrás de si um sulco grosso a assi-nalar a passagem pelo areal.

— Onde é que estamos? — perguntou o Luís olhando em volta.

— Não faço ideia.

— Nem eu.

Nas três cabeças pairavam outras dúvidas demasiado inquietantes para serem formuladas em voz alta. Teriam sido lançados numa ilha deserta perdida no oceano?

Para lá do maciço de árvores que avistavam haveria gente? E, se houvesse, seria gente de bem, pronta a ajudá-los? Ou iam tratá-los muito mal? Quanto a

animais, além da tartaruga e dos pássaros que esvoaçavam sobre as árvores, que outras espécies se arriscavam a encontrar? Mansas ou ferozes?

Muito quietos, debateram-se com uma dúvida mais profunda: afinal de contas, tudo o que lhes acontecera desde que se tinham reunido a conversar sobre as garrafas Jorge Álvares seria real ou não passaria de um sonho exótico que os três partilhavam por motivos inexplicáveis?

Sem saberem o que pensar, ergueram-se a custo e dirigiram-se à zona do arvoredado na intenção de descobrir o que havia do lado de lá. Mas o cansaço e o peso da roupa molhada obrigavam-nos a caminhar devagarinho.

E, talvez devido a uma ilusão, quanto mais andavam, mais o arvoredado lhes parecia distante. De nariz no ar e sapatos na mão, nenhum deles reparava no sítio onde punha os pés. A certa altura, Rodrigo deu um berro:

— Aiii!

Tropeçara, caíra e gritava agarrado ao pé esquerdo.

— Ai! Aleijei-me!

— Na areia?

— Não. Tropecei numa coisa dura.

— Deve ser uma pedra.

— Se for, é bicuda e afiada.

Luís e Matilde olharam para baixo e ambos captaram na areia um reflexo cintilante que os levou a ajoelharem-se e a escavar em volta.

— Olha o que te fez tropeçar!

Maravilhados, desenterraram um punhal de modelo antiquíssimo e cabo de prata cravejado de esmeraldas e rubis.

— Uma arma — disseram os rapazes.

— Arma? Isto é uma joia! — atalhou Matilde.



— Já viram o tamanho das pedras preciosas? Duvido que alguém alguma vez tenha lutado com isto. Devia ser um punhal para trazer à cintura em dias de

festa.

O inesperado da descoberta travou-lhes a marcha e ficaram ali a observar a peça valiosíssima que tinham desenterrado.

O céu, ainda há pouco limpo, começou a cobrir-se de nuvens, primeiro brancas, depois cinzentas, a seguir negras. O mar tomou a cor de chumbo dos dias maus.

— Vem aí outra bruta tempestade.

— Temos de nos abrigar.

— Mas onde?

Como já havia faíscas por entre as nuvens, desataram a correr para o arvoredor. De caminho, porém, lembraram-se de que se caíssem raios era perigoso estarem debaixo de uma árvore. Ora, os raios não se fizeram esperar.

Uns atrás dos outros, caíam cada vez mais perto e a uma velocidade aterradora.

— E não chove — balbuciou o Rodrigo. — Trovoada seca é pior...

O ar carregado de eletricidade, e eles ali, sem proteção possível, completamente desamparados. Matilde cravara os dedos no cabo do punhal com tanta força, que a mão lhe doía, mas o medo de ser atingida por uma faísca era mais forte do que a dor.

— É melhor deitarmo-nos ao comprido, porque em pé podemos funcionar como para-raios e morrer fulminados!

Não foi preciso repetir, pois no mesmo instante estenderam-se todos na areia. Matilde continuava agarrada ao punhal, Rodrigo reparou e deu-lhe um grito:

— O metal atrai raios! Atira isso fora!

Ela obedeceu de imediato. O magnífico punhal, com anos e anos de

existência, mais o seu cabo de prata maciça cravejado de pedras preciosas, voou para longe e espetou-se na areia. Minutos depois desapareceu, fulminado por uma chuva de raios. No chão ficou apenas uma mancha de líquido escuro que a areia absorveu prontamente. E eles num sufoco a pensar que podiam ter tido o mesmo destino. Não tardou que as nuvens negras se afastassem, para dar lugar a nuvens brancas e cinzentas, entre as quais brilhou um raio de luz azulada.

— O Ch'i lin! O Ch'i lin!

De facto, vinha lá o Ch'i lin e o carro onde tinham viajado.

— Vem-nos buscar! Vem-nos buscar!

Não se enganavam. A música que lembrava sinos e flautas voltou a ressoar-lhes na cabeça e a transformar-se em palavras muito nítidas.

— Terminaram as provas. Foram três e das três saíram vencedores, porque procederam com sabedoria.

Contra o tufão, souberam que não podiam lutar. Contra a onda, souberam que a deviam furar. Contra o raio, souberam que a peça valiosa tinham de sacrificar.

Eles queriam responder, mas gaguejavam, atrapalhados.

O Ch'i lin reforçou os elogios:

— Como enfrentaram e venceram a prova do ar, a prova da água e a prova do fogo, pode considerar-se que o percurso está completo. Vou levá-los ao lugar onde tudo se revelará.



V

Outros espaços, outros tempos

A viagem foi rápida, mas quando começaram a perder altura perceberam que tinham ido para muito longe.

— Que engraçado, aqui é tudo tão diferente!

De facto, a paisagem não tinha nada a ver com aquilo a que estavam habituados. A zona era de penínsulas esguias com grandes recortes, ilhas, ilhotas e ilhéus cobertos de vegetação cerrada, exuberante, em tons inimagináveis de verde. As casas que se avistavam por entre a folhagem exibiam materiais de construção e formatos pouco vulgares. No mar calmo, balançavam navios antigos de todos os tamanhos, muitos com grandes velas de esteira, alguns com velas de pano. A atmosfera era quente e húmida.

O Ch'i lin transportara-os no tempo, rumo a um país longínquo.

— Preparem-se para aterrar no jardim da casa de Jorge Álvares.

— O das garrafas?

— Sim.

— Vamos conhecê-lo?

— De certo modo. Vocês vão conhecê-lo, mas ele nunca suspeitará de que estiveram presentes.

— Não percebo.

— Pois é simples. Vou instalá-los numa bolha invisível e à prova de som, para que possam ver sem serem vistos e falar sem serem ouvidos. Mas, atenção: o tempo que têm para desvendar o mistério que vos intrigou é limitado. Ao fim de uma hora, a bolha começa a desfazer-se. Em poucos minutos desaparece e deixa-vos à mostra.

— Isso é um problema?

— Sim, devido à desconfiança que vão provocar. No tempo de Jorge Álvares nunca ninguém viu pessoas vestidas como vocês se vestem, penteadas como vocês se penteiam, calçadas como vocês se calçam e até a falar como vocês falam. Por isso, se vos virem, pensam que são feiticeiros ou demónios, com certeza prendem-vos e o mais certo é matarem-vos. Tenham cuidado e fiquem atentos ao relógio. Poucos minutos de atraso podem ser fatais. Mal se

cumpra a hora, venham ter comigo.

— Aonde?

— Ao recanto do jardim onde vos deixo.

O jardim não era muito grande, mas era muito bonito. Cheio de flores exóticas, palmeiras e árvores frondosas, de raízes aéreas, cujos ramos cantavam ao som do vento. A terra estava totalmente coberta por um autêntico tapete de verdura. Por toda a parte esvoaçavam borboletas amarelas, azuis, cor de laranja ou às riscas e pintas que formavam desenhos geométricos. Ao fundo do jardim havia um ancoradouro privativo onde se alinhavam vários navios. A casa, semi-oculta pelas copas das árvores, fora construída em madeira sobre estacas, tinha uma varanda larga e telhado de palha grossa.



A tarde caía, o sol distribuía generosamente reflexos de ouro pela terra e pelo mar. Encantados com a beleza quase mágica do ambiente, permaneceram alguns minutos no jardim a observar o que os rodeava, a ouvir o canto dos pássaros àquela hora de regresso aos ninhos e a ouvir também as vozes e os

risos que chegavam até eles através das janelas da casa.

Janelas sem vidros, protegidas por esteiras finíssimas.

As vozes eram exclusivamente masculinas e a conversa decorria em várias línguas.

— Estamos aqui muito bem, mas, se queremos ver o que se passa lá dentro, é melhor despacharmo-nos — disse o Luís.

Os outros concordaram e encaminharam-se para a escadinha de madeira que dava acesso à varanda. A bolha da invisibilidade obrigava-os a manterem-se próximos uns dos outros, mas oferecia espaço suficiente para se movimentarem sem atropelos.

A varanda comunicava com uma sala grande onde se encontravam oito homens reunidos em torno de uma grande mesa retangular. A luz do fim do dia, filtrada pelas cortinas de esteira, tornava o ambiente um pouco sombrio. Ainda assim, perceberam de imediato que entre aqueles homens havia três portugueses, três chineses e dois cujas terras de origem não sabiam identificar.

— Qual será o Jorge Álvares?



VI

Em casa de Jorge Álvares

— O dono da casa costuma sentar-se à cabeceira da mesa.

— Então é aquele ali.

— Tem boa pinta e expressão de inteligente.

Olharam-no, curiosos, mas logo se distraíram porque entraram na sala duas mulheres esguias, de cabelo preto muito liso, enfeitado com flores. Envergavam uma espécie de túnicas de tecido leve, que as cobriam até aos pés, e transportavam tabuleiros vermelhos com velas grossas, já acesas. Deslizando em silêncio, distribuíram-nas pela mesa e por outros móveis encostados às paredes e encimados por espelhos. Depois saíram tão silenciosamente como tinham entrado e a sala ficou tão bela que mais parecia um cenário de teatro.

Os homens continuaram a conversar e a banquetear-se. Em vez de travessas, a comida era servida em grandes tigelas de loiça que exibiam arroz, legumes variados, camarões, bocados de carne e uns fiapos esbranquiçados de aspeto bem apetitoso. Na frente de cada um, em vez de prato, estava uma tigelinha de loiça, e, em vez de garfo e faca, pauzinhos como eles já tinham visto nos restaurantes chineses.



— Estou com fome.

— Também eu.

— Pelos vistos a bolha de invisibilidade deixa passar os cheiros.

— E o cheiro desta comida é divinal.

— Se provássemos?

Luís ia a estender o braço para a tigela dos fiapos, Matilde travou-lhe o gesto.

— Não faças isso!

— Porquê?

— Porque podes rebentar a bolha, ou ficar de braço à mostra.

— Ah! Pois é!

A pena de não provar aquele petisco desvaneceu-se quando um dos portugueses, que acabara de o engolir, gabou:

— Ó Jorge, o teu cozinheiro sabe temperar carne de cobra como ninguém. Está ótima!

Luís olhou os amigos, estarrecido.

— Cobra aos fiapos? Que horror! Ainda bem que não comi.

— Pelos vistos os portugueses que para aqui andam já se habituaram às comidas da terra!

De facto, Jorge Álvares parecia perfeitamente à vontade entre os seus convidados, e os outros que falavam português também se mostravam ambientadíssimos.

Quem seriam? A resposta não se fez tardar e Rodrigo, ao ouvir os nomes, ficou arrepiado dos pés à cabeça.

Porque o dono da casa tratou um só pelo nome próprio: Fernão. Mas a outro,

por qualquer motivo, interpelou-o pelo nome todo, e o nome era Samuel Andrade.

— O homem que escreveu a carta! A carta que eu li! Que coisa espantosa!

O entusiasmo levava-o a falar altíssimo, sem problema por ser a bolha à prova de som.

— Deixa lá a carta e cala-te, para ouvirmos o que eles dizem, senão passa o tempo e ficamos sem saber nada.

De início julgaram quase impossível seguir a conversa porque falavam em várias línguas e às vezes todos ao mesmo tempo. Foi necessário concentrarem-se, para a pouco e pouco captarem o essencial.

— Estão a discutir negócios.

— E que negócios! Todos têm navios a circular daqui para a China, da China para o Japão, do Japão para aqui...

— Para comprar e vender tanta coisa! Vocês ouviram? Espadas, loiças, móveis, sedas...

— Pshiu... Cala-te.

— Porquê?

— Porque agora estão a falar de ouro e prata.

— Em lingotes.

— E em pó!

— Será o tal pó de fortuna?

A hipótese deixou-os ao rubro e apuraram o ouvido, mas a conversa de repente tomou outro rumo porque entrou na sala mais um homem, um homenzarrão de barba em bico, calças tufadas, chapéu enfeitado de plumas. Vinha com ar apressado e a pedir desculpa pelo atraso. Jorge Álvares

levantou-se para o receber e saudou-o com fortes palmadas nas costas.

— Diogo Pereira, Diogo Pereira! Estava só à tua espera para oferecer os presentes que encomendei na China!

O recém-chegado tirou o chapéu, cumprimentou toda a gente, serviu-se de uma bebida que despejou pela goela abaixo com visível prazer e esfregou as mãos como quem se sente feliz.

— Ora vamos lá então ver essas prendas!

O dono da casa fez sinal para que o seguissem para a sala ao lado. Rodrigo e os amigos foram atrás e, num misto de surpresa e excitação, confirmaram as suspeitas.

Jorge Álvares ia oferecer aos convidados as garrafas de porcelana azul e branca onde, além de desenhos, mandara pintar uma frase que incluía o seu nome.

E isso mesmo explicou, comovido:

— Consegui realizar um velho sonho. E olhem que não foi fácil. Todos vocês sabem que os nossos negócios com a China estão proibidos...

— Pois é — brincou Samuel. — Mas nós, portugueses, temos uma habilidade especial para quebrar regras e furar proibições, não é?

— É... No entanto não deixa de ser arriscado. E eu arrisquei. Com a ajuda de certos parceiros, consegui encomendar estas garrafas numa fábrica chinesa de Jiangxi.

Com ar triunfante, pegou numa delas e mostrou a frase que mandara pintar.

— Ora vejam só o que aqui está escrito!

Os convidados leram em voz alta:

— «Isto mandou fazer Jorge Alvrz na era de 1552 reina.»

— Que tal, hã? É verdade que faltam algumas letras do meu nome, mas não faz mal. Percebe-se perfeitamente que sou eu. E está aí a data que não engana. Fiz a encomenda num ano que os portugueses se encontram impedidos de entrar na China. — Era óbvio que a proeza o enchia de satisfação. — Eu queria que ficasse escrito «reinando D. João III», mas o espaço não chegou para completar a frase. Também não faz mal, porque toda a gente sabe que no ano 1552 no trono de Portugal está el-rei D. João III! Ah! Ah! Ah!

— E que na China o imperador é Jiajing da dinastia Ming! Ih!Ih!Ih!

Quem agora ria era o mais novo dos convidados chineses. Todos acharam graça, todos gabaram as garrafas e todos giraram em volta da mesa a admirá-las.

— Para mim esta é a mais bonita — disse o Samuel. — Porque está decorada com peixes e eu adoro peixes!

— Então fica com ela. E vocês escolham à vontade a que preferirem. Mande fazer um conjunto para oferecer. Começo pelos maiores amigos, as outras guardo-as para futuras ocasiões.

A escolha demorou bastante porque hesitavam.

— São belas peças, hã?

— Magníficas!

Dentro da bolha, o trio acompanhava a movimentação com curiosidade. Qual daqueles homens escolheria a garrafa que tinha o Ch'i lin pintado no bojo?



VII

O adivinho chinês

Um dos chineses, que era bastante mais velho do que todos os homens presentes no jantar, pouco tinha falado. Já dera várias voltas à sala, observando as garrafas de loiça com especial atenção. De vez em quando parava, dizia umas palavrinhas tão baixo que ninguém o ouvia, e depois estendia as mãos sobre os gargalos e ficava imóvel, de olhos fechados, como se tivesse adormecido em pé. Talvez os companheiros estivessem habituados àquelas atitudes bizarras porque não lhe prestaram atenção.

Ou talvez não ligassem por se encontrarem entretidos a escolher a garrafa que queriam de presente. Mas quando ele elevou a voz, todos se imobilizaram, prontos a ouvi-lo no mais respeitoso silêncio.

— Tenho uma informação a dar.

— E nós agradecemos. É uma honra poder contar com um adivinho chinês entre nós — disse Jorge Álvares.

— Fale, mestre.

— As garrafas em que mandaste pintar o teu nome vão correr mundo. Para algumas, a vida será curta e terminarão em fragmentos.

— Ou seja, caem ao chão e ficam feitas em cacos — murmurou o Samuel.

O adivinho ignorou o comentário e continuou a falar, imperturbável.

— Para outras garrafas a vida será longa. Hão-de atravessar oceanos e hão-de manter-se intactas ou quase intactas durante séculos. Hão-de passar de mão em mão, cada vez mais apreciadas, cada vez mais valorizadas para alegria de quem as tiver em seu poder. No entanto, uma e só uma ocultará o verdadeiro tesouro que é o pó da fortuna.

— E qual é? — perguntaram várias vozes em coro.

O adivinho sorriu ao de leve e os olhos adquiriram uma expressão enigmática.

— Pouco interessa, porque o pó apenas se libertará do interior da garrafa quando se constituir um triângulo de força capaz de unir o passado e o presente, num momento único.

— Sempre acreditei nas tuas palavras sábias — disse o Jorge Álvares. — Regozijo-me com a ideia de que uma destas minhas garrafas ocultará o pó da fortuna durante séculos. Se não me beneficia a mim, paciência. Aliás, não me posso queixar da vida. Tenho sido feliz e bem-sucedido. E hoje mesmo tu próprio me deste mais uma alegria.

Adorei saber que algumas das minhas garrafas, lindas mas frágeis por serem de loiça, vão resistir ao tempo.

A repetição da palavra tempo funcionou como martelada na cabeça da Matilde, que olhou para o relógio e ficou aflitíssima.

— Já passam alguns segundos da hora que nos deu o Ch'i lin!



Aterrada, verificou que os pés dela e os dos rapazes já estavam à vista porque a bolha que os protegia começara a encolher.

— Vamos embora! Depressa!

Saíram porta fora numa correria, mas um dos convidados, que tinha ido à varanda para observar a garrafa escolhida à luz da Lua, ouviu ranger a madeira e quando baixou a cabeça quase desmaiou de susto ao deparar com três pares de pés sem corpo a descer a escada e a correr pela relva do jardim.

— O que é isto?

Tal foi o choque, que largou a preciosa prenda e *crás*, uma das garrafas Jorge Álvares terminou logo ali, desfeita em pedaços e confirmando a tese do adivinho que ainda há pouco garantia: *para algumas a vida será curta*.

O estoiro atraía todos os convivas à varanda. Nenhum avistou os pés fugitivos porque já se encontravam a bordo do carro de luz, prontos a empreender a viagem de regresso. Matilde é que ainda viu de relance o adivinho a gesticular no meio dos outros, agitando a mão esquerda. Na direita segurava com mil cuidados a garrafa que escolhera para si: a que tinha o Ch'i lin pintado em tons de azul forte, certamente a que guardaria no interior durante séculos o misterioso pó de fortuna.



VIII

O pó de fortuna

Quando voltaram a comunicar, estavam outra vez cada um diante do seu computador e nenhum era capaz de recordar o que sucedera depois de fugirem do jardim de Jorge Álvares.

— Não me lembro de nada!

— Nem eu!

— Se não tivéssemos lá estado os três, convencia-me de que a viagem não passou de um sonho!

— Também eu.

— E agora? Esquecemos o assunto?

— Nem penses! Eu quero ir à procura da garrafa que tem o Ch'i lin.

Após breve hesitação, Matilde confessou:

— Pode parecer uma idiotice, mas adorei o Ch'i lin e estou com saudades dele.

Os rapazes sentiam o mesmo e também ansiavam

voltar a ver aquela criatura estranhíssima, ouvi-la falar através de música e por enigmas.

— Querem tentar?

— Queremos. Mas como?

— Usamos a internet para procurar a imagem em que o Ch'i lin está pintado. Logo que aparecer, dizemos outra vez ao mesmo tempo: «Sorte.» Talvez funcione.

— Isso! Vamos a isso!

Apanhar a garrafa no ecrã foi fácil, mas, por muito que repetissem em coro a palavra «sorte», o fenómeno que permitira a comunicação entre eles e o ser mítico não se repetiu.

— Acham que perdemos a capacidade de formar um triângulo de força chamativa?

— Não sei.

— Se calhar o Ch'i lin só se manifesta uma vez de cem em cem anos.

— Espera aí, Rodrigo. Há uma coisa que podemos fazer. Aliás, eu até acho que devemos fazer.

— O que é?

— Ir procurar a garrafa no museu onde ela estiver e tentar libertar o pó da fortuna.

— Certo, Matilde. E até te digo mais: tenho quase a certeza de que o Ch'i lin veio ter connosco para nos encarregar dessa missão. Quer que libertemos o pó da fortuna guardado há séculos.

— Quer dizer que chegou a hora!

Retomando a pesquisa na internet, descobriram de imediato o paradeiro da garrafa.

— Está no Museu do Centro Científico e Cultural de Macau.

— E a morada?

— Olha ali, escrita com todas as letras. É em Lisboa.

— O pior é que eu estou em Freixo de Espada à Cinta a passar o fim de semana — queixou-se o Rodrigo.

— E eu no Porto, em casa dos meus avós — disse o Luís.

— Não desanimem, porque eu estou em Lisboa mas prometo esperar por vocês para irmos juntos.

— És a maior!

Só se puderam reunir num dos últimos dias das férias da Páscoa. Tomaram o autocarro e apearam-se na Rua da Junqueira, em grande alvoroço. A garrafa estaria em exposição? Seria possível tocarem-lhe? E, se assim fosse, aconteceria alguma coisa especial, ou regressariam a casa de orelha murcha?

O primeiro impacto deixou-os perplexos porque, embora o edifício fosse bonito e acolhedor, as pessoas que se encontravam lá dentro mostravam-se agitadas e irritadiças. Máquinas de filmar, microfones e holofotes indicavam que boa parte daquela gente pertencia a uma equipa da televisão. E, pela

maneira como discutiam, percebia-se que tinham sido encarregues de fazer um programa sobre o museu e não se entendiam. Um deles não se cansava de lembrar:

— Isto não é um concurso nem é um programa cómico, é um programa cultural! Não podes fazer essas caras nem esses sorrisinhos apalermados!

A rapariga a quem competia a apresentação parecia à beira de um ataque de nervos.

— Estás a chamar-me palerma, é?

— Não! Só quero que te lembres que este programa é sério.

— Se for sério demais torna-se uma seca de morte!

— Que eu saiba, nunca matei ninguém!

— Nem tu nem nós, porque trabalhamos em equipa!

Mas tens a mania que não valem nada e que sabes tudo.

— Eu?

A discussão azedava e a funcionária do museu ouvia-os com desagrado e impaciência. De vez em quando rebolava os olhos como quem pensa «quem me dera que se fossem todos embora e depressa». Tinha um telemóvel pousado na mesa e deitava-lhe miradas de um tipo que não engana: aguardava notícias, e receava que fossem más.

Matilde, Rodrigo e Luís preferiram esperar a ver se aquela tempestade emocional abrandava para poderem ir à procura da garrafa Jorge Álvares sem sobressaltos.

De súbito, porém, viram-na. E relativamente perto, pois encontrava-se na sala da entrada, elegante, discreta, ocupando sozinha uma vitrine que só podia ter sido mandada fazer de propósito, para que ali repousasse em segurança, à vista do público. No bojo, lá estava o Ch'i lin, com o seu estranho corpo a lembrar um dragão, mas de pernas finas, nariz e olhos redondos, a haste que

lhe saía da cabeça. Tencionaria falar-lhes? Ou agora teriam de se contentar em admirar-lhe o retrato pintado há séculos em tons de azul? Emocionados, precipitaram-se a comprar bilhete. A empregada abanou a cabeça negativamente.

— Não podemos entrar?

— Podem, mas não pagam! Para pessoas da vossa idade o museu é de graça!

Se o que dizia não podia ser mais simpático, os modos não podiam ser mais ríspidos. Não lhes ligou nenhuma e continuou fixa no telemóvel que não tocava.

De início ninguém pareceu importar-se — ou sequer notar — que eles os três se tivessem plantado em frente à vitrine da garrafa Jorge Álvares e ali ficassem especados uma eternidade. As discussões da equipa de filmagens continuavam e subiam de tom, a funcionária de vez em quando soltava suspiros profundos. A certa altura, apareceu uma outra a perguntar:

— Então? O Zé já deu notícias?

— Claro que não! Se desse, eu dizia! — foi a resposta brusca, acompanhada por gestos desajeitados que por pouco não projetavam o telemóvel contra a barriga da colega.

Luís, que arregalava os olhos para a vitrine, sussurrou aos amigos:

— Se aproveitássemos a malta estar distraída para abrir o vidro e sacudir a garrafa? Se não lhe pegamos, nunca saberemos se o tal pó de fortuna existe ou não existe.

— Eu acho que existe — disse a Matilde.

— Então vê lá se tens uma ideia para podermos cumprir a nossa missão sem estardalhaço.

Nas voltas e reviravoltas à procura de um fecho ou de um encaixe que permitisse o acesso à garrafa, acabaram por se colocar de tal modo que formaram um triângulo. Nesse momento, ressoou pela sala um inesperado

tilintar agudo, intenso e tão exótico que toda a gente se calou. De início, as outras pessoas presentes não localizaram a origem do som, mas depressa se aperceberam de que provinha da vitrine onde se encontrava a garrafa Jorge Álvares. E, para estupefação geral, o vidro que a protegia deslizou até ao soalho, onde pousou, intacto.

O gargalo da garrafa, agora sem proteção, soprava, soltando assobios como se contivesse no interior um pequeno génio prestes a saltar cá para fora e a libertar-se de um longo cativeiro.

O pessoal, atónito, não movia um músculo, e em todas as cabeças perpassava a mesma pergunta:

«O que é isto? O que é isto?»

Só eles os três julgavam saber a resposta.

— É o pó da fortuna!

— E assobia?

— Talvez seja a maneira de se anunciar.

Não se enganara o Luís, pois do gargalo brotou um jato, não de pó, mas de poalha esbranquiçada, que se foi espalhando primeiro por aquela sala, depois pelas escadas acima, em pouco tempo por todo o museu, empapando a atmosfera como se fosse uma nuvem. Nem quente nem fria, sem cheiro nem sabor, não afetava a respiração, não humedecia a roupa, nem irritava a pele. Ninguém reagiu, e, antes que tivessem tido tempo de fazer comentários, a nuvem começou a encolher, esbateu-se, ficou reduzida a pequenas farripas que flutuavam a diferentes alturas.

A estupefação geral redobrou, porque o vidro, deslizando em sentido inverso, retomou o seu lugar na vitrine.

Ainda gaguejavam de espanto quando os telemóveis começaram a tocar. E então, que loucura! A funcionária do museu, primeiro lívida, depois escarlate, desatou a chorar de alegria e a dizer em altos berros:



— O meu filho arranjou emprego! Já tinha ido a dez entrevistas para nada e agora contrataram-no!

As lágrimas corriam-lhe pela cara a quatro e quatro.

A outra funcionária correu a abraçá-la, por pouco não se punham a dançar para dar largas à satisfação.

Quanto à equipa de filmagens, dançava mesmo e aos pulos, porque acabava de receber a melhor das notícias: tinha ganhado o Globo de Ouro dos programas culturais!

— Somos os maiores!

— Não há equipa como a nossa!

Também se abraçavam, riam e comemoravam o sucesso dizendo graçolas:

— Somos sensacionais porque nunca discutimos!

— Nunca nos zangamos!

— É a boa harmonia que garante o êxito! Ah! Ah!

Ah! Nunca houve melhor equipa no mundo!

Dir-se-ia que as plantas do jardim participavam na festa, pois arrebitaram-se, de repente mais verdes e viçosas. Um último toque de telemóvel introduziu na sala, onde toda a gente parecia ter enlouquecido, mais uma notícia de arromba.

— Vou ser pai! — berrou o rapaz dos microfones.

— A minha mulher ligou a dizer que vou ser pai! O mínimo que vocês podem fazer é cantar-me os parabéns!

Rodrigo, Matilde e Luís não tinham a menor dúvida de que tudo aquilo era efeito do pó de fortuna e sentiam-se felicíssimos por terem sido capazes de cumprir a extraordinária missão que lhes fora confiada. Trocaram olhares, sorrisos e repetiam entre si:

— O pó de fortuna...

— Acertámos em cheio! Neste caso «fortuna» queria dizer sorte!

A equipa das filmagens demorou a acalmar. Quando acalmou, todos se interrogaram sobre o que ali se passara, sem chegarem a conclusão nenhuma.

— O vidro para baixo e para cima, a garrafa a assobiar, nuvens de pó, nuvens de notícias boas... Alguém sabe interpretar isto?

O grupo, num impulso, resolveu arriscar:

— Nós sabemos.

Claro que a reação inicial foi de dúvida, mas, em todo o caso, decidiram ouvi-los.

— Se sabem, digam o que têm a dizer.

— Talvez não acreditem, mas nós os três vivemos uma experiência espantosa e inexplicável.

Não era fácil resumir a história, mas, como quanto mais falavam, mais os outros se interessavam, lá foram descrevendo os acontecimentos, a partir da descoberta de uma carta entre as páginas de um livro guardado em Freixo de Espada à Cinta.

A equipa das filmagens exultou. Ninguém se deu ao trabalho de dizer se acreditava ou não, porque todos adoraram aquele enredo.

— Vamos incluí-lo na reportagem sobre o Museu e é já!

— Queremos entrevistá-los.

— E vamos encomendar efeitos especiais para reconstituir as cenas que vocês viveram na ilha.

— E em casa de Jorge Álvares!

— Eu até tenho um amigo que pode fazer o papel de adivinho chinês.

— E eu sei quem se vai encarregar do guarda-roupa.

— Olhem lá, vocês os três querem entrar no filme, não querem? Estão dispostos a representar o vosso próprio papel?

— Sim!

— Já calculávamos.

— Aposto que vamos ganhar o próximo Globo de Ouro.

— E o de prata e o do bronze.

— Talvez até um Oscar, não?

A visita ao Museu de Macau terminou em euforia total.

Seguiu-se um período de autêntico delírio, a darem entrevistas para a rádio e para os jornais, a conviver com atores, a ensaiar, a participar em filmagens. Curiosamente, o tempo chegava-lhes para tudo, até para estudar e ter boas notas. Na escola eram tratados como heróis.

A própria Marina quis voltar ao grupo do Rodrigo, mas ele desinteressara-se dela e recomendou-lhe amigavelmente:

— Acho melhor continuares a andar com a malta do Júlio porque eu tenho muito que fazer!

Ao dizer aquilo, descobriu que se libertara de um desgosto amargo e profundo e sentiu-se tão leve como as farripas que vira a esvoaçar no museu. Ficou gratíssimo ao adivinho chinês que há séculos usara poderes ocultos para introduzir numa das garrafas Jorge Álvares o maravilhoso pó de fortuna.



Personagens e factos históricos





Quem era Jorge Álvares

Jorge Álvares nasceu em Freixo de Espada à Cinta. Não se sabe ao certo em

que data, mas pensa-se que tenha sido no ano 1509 ou 1510. Era um homem do povo e, como outros portugueses do seu tempo, decidiu embarcar nas naus da carreira da Índia e procurar melhor vida no Oriente. A maneira como conduziu o seu destino e o facto de ter enriquecido permitem pensar que era forte, corajoso, capaz de resistir aos perigos das viagens que o levaram primeiro à Índia, depois a Malaca, à China e depois ao Japão, país que foi um dos primeiros europeus a visitar. Pode concluir-se também que era astuto, inteligente e que soube adaptar-se a climas diferentes, a novos tipos de alimentação, a novos hábitos e costumes. Tudo indica que terá aprendido outras línguas, talvez não com grande profundidade, mas dominando vocabulário suficiente para poder comunicar, comerciar e fazer sociedades com mercadores dos vários locais que percorreu.

Jorge Álvares vivia a maior parte do tempo na sua casa de Patane, perto de Malaca. Possuía vários navios que circulavam no oceano Índico, nos mares da China e do Japão carregados de mercadoria que comprava e vendia conseguindo bons lucros. De uma maneira geral, os seus navios partiam de Malaca carregados de especiarias, de plantas tintureiras e de madeiras preciosas para vender na China, onde os seus colaboradores compravam porcelanas, papéis, tecidos de seda e de algodão.

Depois levavam esses produtos ao Japão e trocavam-nos por sabres, espadas, prata e ouro em lingotes ou em pó. Do Japão voltavam à China e daí a Malaca, sempre a fazer comércio pelo caminho.

Naquela época, a maior parte dos portugueses, sobretudo sendo homens do povo, não sabia ler nem escrever.

No entanto, Jorge Álvares, fosse lá como fosse, aprendeu e a ele se deve o primeiro texto escrito por um europeu sobre o Japão, texto que veio a ser publicado mais tarde com o título *Informação das Coisas do Japão*. Ignora-se se Jorge Álvares morreu no Oriente ou se regressou a Portugal. Em Freixo de Espada à Cinta foi erguida uma estátua em memória deste ilustre filho da terra.



▲ Mapa com os locais por onde Jorge Álvares viajou.

Os amigos de Jorge Álvares

Jorge Álvares relacionou-se com vários grupos de navegadores, mercadores, comerciantes e missionários que conheceu no Oriente. Alguns eram naturais de regiões tão variadas como, por exemplo, a Índia, a Malásia, a China e o Japão. Outros eram portugueses e alguns passaram à história, como Fernão Mendes Pinto e Diogo Pereira. Entre os amigos de Jorge Álvares figurou também S. Francisco Xavier, que nasceu em Navarra mas seguiu para o Oriente como missionário, enviado pelo rei de Portugal D. João III.



Fernão Mendes Pinto

Filho de uma família pobre de Montemor-o-Velho, partiu muito novo para o Oriente. Durante 21 anos navegou entre a Índia, a Insulíndia, Malaca, China e Japão.

Sobreviveu a todas as adversidades, enriqueceu, regressou a Portugal já velho e escreveu um livro fabuloso a que deu o título *Peregrinação*. Nesse livro relata as suas aventuras, descreve com minúcia locais que visitou, povos que conheceu. Deixou registado que foi feito 13 vezes prisioneiro e vendido 17 vezes como escravo.

A *Peregrinação* teve sucesso imediato. Traduzida em várias línguas, tornou-se um verdadeiro *best-seller* e ainda hoje é uma obra que se lê com prazer.

Como Fernão Mendes Pinto fez parte do grupo de Jorge Álvares, decidimos incluir um amigo chamado Fernão no jantar em que as garrafas foram oferecidas aos convidados.



S. Francisco Xavier

Francisco Xavier nasceu no reino de Navarra, em 1497, no castelo de Xavier, que pertencia à sua família, uma família nobre. Na juventude foi estudar para Paris, onde frequentou a única universidade que então existia em França, a Sorbonne. Aí conheceu Inácio de Loyola, de quem se tornou muito amigo.

Inácio de Loyola, Francisco Xavier e mais cinco companheiros fundaram uma organização religiosa a que chamaram Companhia de Jesus, ou Jesuítas. Esta companhia destinava-se ao ensino, ao tratamento de doentes e a espalhar a fé cristã pelo mundo.

Em 1541, Francisco Xavier partiu para a Índia como missionário, chefiando um grupo que pertencia ao padroado português, protegido pelo rei D. João III. Desenvolveu uma ação notável junto dos povos do Oriente que visitou, sobretudo na Índia, em Malaca, na China e no Japão. Morreu no ano de 1552, numa cabana que pertencia a Jorge Álvares, situada na ilha Sanchoão, na China. Os seus restos mortais foram trasladados para a Índia e o seu túmulo encontra-se na Igreja de S. Francisco em Goa.

Tendo-lhe sido atribuídos vários milagres, foi canonizado pelo papa Gregório XV, no ano de 1662. Passou então a ser venerado como S. Francisco Xavier. O seu túmulo em Goa atrai visitantes e muitos peregrinos.

S. Francisco Xavier conheceu pessoalmente e conviveu com Fernão Mendes Pinto e com Jorge Álvares.



Diogo Pereira

Diogo Pereira pertencia a uma família nobre. Partiu para o Oriente como capitão de naus da Coroa e distinguiu-se na luta contra os inimigos dos

portugueses. Adquiriu navios, desenvolveu uma próspera atividade comercial e enriqueceu. Viajou até ao Japão e foi ele quem liderou o grupo que veio a instalar-se em Macau. Mais tarde, obteve permissão das autoridades chinesas para os portugueses ali se estabelecerem permanentemente e poderem fazer os seus negócios.

A porcelana da China

A porcelana chinesa era um produto valiosíssimo e muito apreciado na Europa porque os fabricantes europeus de loiça não conheciam o segredo que permitia obter peças finíssimas, mas leves e resistentes, conforme saíam das fábricas da China. As primeiras porcelanas que chegaram à Europa foram consideradas autênticos tesouros.

Quando, em 1498, Vasco da Gama regressou da viagem em que descobriu o caminho marítimo para a Índia, ofereceu ao rei D. Manuel I algumas peças de porcelana chinesa compradas na Índia. A corte mostrou-se maravilhada. Os navegadores seguintes fizeram questão de trazer sempre porcelana para agradar ao rei e à nobreza.

Chegaram aos nossos dias belas peças decoradas com a esfera armilar e o escudo de D. Manuel I, e também peças decoradas com os brasões de famílias nobres.

No reinado de D. João III estalaram conflitos entre portugueses e chineses e em 1522 os portugueses foram proibidos de entrar na China e de ali comprar ou vender fosse o que fosse. Para não se verem privados dos negócios que tanto convinhavam aos mercadores portugueses como aos chineses, estabeleceu-se uma rede de contac-tos clandestinos, que se manteve até 1554, data em que a proibição foi levantada.



▲ Gomil

Porcelana da China de exportação; Dinastia Ming, reinado Zhengde (1506-1521) C. 1519-1520. © Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa.



▲ Kendi

Porcelana da China de exportação; Dinastia Ming, reinado Jiajing (1522-1566). © Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa.



▲ Taça

Porcelana da China de exportação; Dinastia Ming, reinado Jiajing (1522-1566) C. 1540-1550. © Fundação Carmona e Costa, Lisboa.



▲ Pote

Porcelana da China de exportação; Dinastia Ming, reinado de Wanli (1573-1620). © Museu do Centro Científico e Cultural de Macau, Lisboa.

As garrafas Jorge Álvares

Em plena época de proibição, houve mercadores abastados que se lembraram de encomendar peças identificadas com o seu próprio nome e com a data da encomenda. Um deles foi Jorge Álvares. Para o poder fazer, tinha de ser já um homem bem-sucedido, rico e ousado.

A frase que mandou pintar foi: *Isto mandou fazer Jorge Álvares na era de 1552 reinando D. João III*. A frase saiu um pouco diferente, decerto porque os artistas chineses não conheciam o alfabeto ocidental e esqueceram algumas letras. Também não completaram a frase, o que se explica por falta de espaço. De modo que ficou assim: *Isto mandou fazer Jorge Alvrz* na era de 1552 reina*.

* «Alvrz» é a abreviatura de Álvares.

Garrafas de porcelana chinesa azul e branca. China, dinastia Ming, reinado de Jiajing, 1552.



- ▲ Alt. 24,8 cm. Contém a inscrição O MANOOU FACER JORGE ALVRZ 1552. © Victoria and Albert Museum, Londres.



- ▲ Alt. 25,4 cm. Contém a inscrição JORGE ALVRZ N EGEO NAM DOU
– A ERA DE 1552 REINA. © The Walters Art Museum, Baltimore.



▲ Alt. 23,7 cm. Contém a inscrição ISTO MANDOU FAZER JORGE

Não se sabe ao certo quantas garrafas Jorge Álvares terá encomendado. Supõe-se que as ofereceu a amigos a quem quis distinguir com uma prenda especial, pois isso era costume na época. Muitas se terão partido e desaparecido, mas há nove que chegaram aos nossos dias e se encontram em museus ou em coleções particulares.

Uma no Walters Art Museum, na cidade de Baltimore, Estados Unidos da América, outra no Museu Guimet de Paris, uma terceira no Museu de Artes Islâmicas no Irão, uma quarta no Museu Victoria and Albert em Londres e uma quinta no Brasil, numa coleção particular. Em Portugal encontram-se quatro garrafas — uma pertence a uma coleção particular e outras três encontram-se em museus, onde podem ser admiradas pelos visitantes: no Museu do Caramulo, no Museu da Fundação Carmona e Costa e a que ostenta a figura mítica que é o Ch'i lin pertence à Fundação Jorge Álvares e pode ser admirada no Museu do Centro Científico e Cultural de Macau, que fica na Rua da Junqueira, em Lisboa.

O Ch'i lin e outros amigos míticos chineses

A civilização chinesa atribui valor de símbolo especial a vários animais míticos, como, por exemplo: o dragão, a fénix, a tartaruga e o Ch'i lin. As imagens destes animais são utilizadas há milénios na arte como elementos decorativos.



O Dragão

Para os chineses, o dragão é um ser benéfico e poderoso e um expoente máximo de segurança. A religião da China Antiga considerava o dragão como mensageiro dos deuses, guardião dos tesouros divinos e símbolo do imperador.

Da tradição chinesa fazem parte vários tipos de dragões, todos associados a características positivas. Ao longo dos tempos, os artistas chineses foram representando esses dragões na pintura, na escultura e noutras artes, de acordo com padrões definidos pela religião e invariavelmente associados à imagem do imperador e da família imperial.

Na nossa época já não há imperador da China, mas o dragão continua a estar

presente na arte, na imaginação, na poesia, nas tradições e nas festas chinesas.

O dragão chinês nada tem a ver com os dragões imaginados pelos europeus no tempo dos castelos. Estes eram monstros perigosos que os cavaleiros e os santos se viam na obrigação de combater.



A Fénix

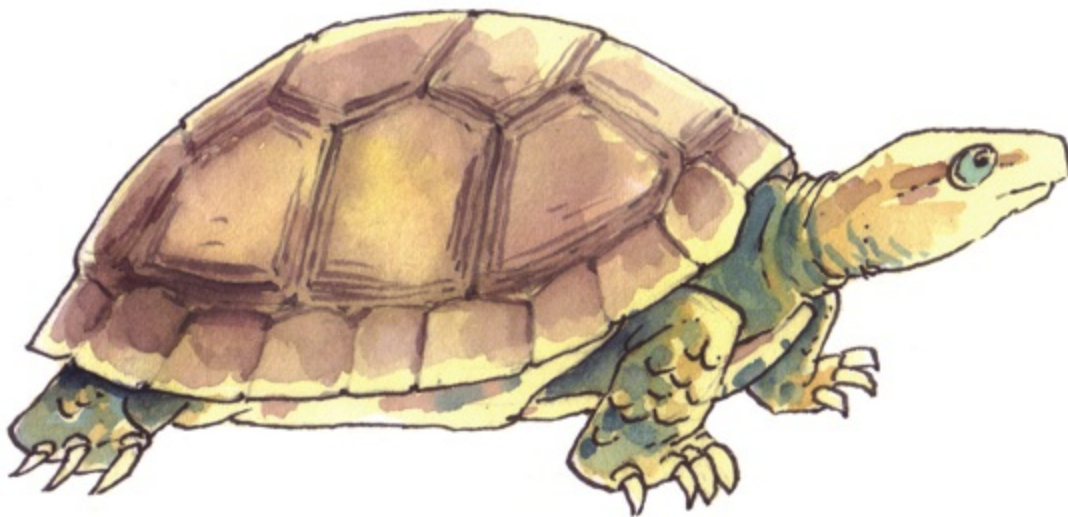
A fénix, tal como o dragão, só existe como criatura imaginária. Tem a forma de um pássaro com grande cauda de plumas e grandes asas. As suas penas têm cinco cores, o seu canto lembra a música de um instrumento com cinco modulações. Também é benevolente, não faz mal a nenhum ser vivo, só bebe água das fontes mais puras e alimenta-se exclusivamente de plantas. Este animal mítico é considerado símbolo do bem, da beleza, do sol e das boas colheitas. Aparece sempre em momentos de paz e prosperidade. Os artistas representam muitas vezes a fénix a olhar para uma bola de fogo.

As vestes das imperatrizes eram frequentemente decoradas com esta

maravilhosa ave, bordada a fios de seda, ouro e prata.

Nos países da Europa, a fénix é também um animal simbólico, com forma de pássaro, mas com uma diferença em relação à fénix chinesa. Segundo a tradição, a fénix europeia tem a capacidade de renascer das suas próprias cinzas, ou seja, de voltar à vida depois da morte.

Isso torna-a um símbolo da renovação e renascimento.



A Tartaruga

A tartaruga é o único animal mítico chinês que também existe na natureza. Segundo a tradição, representa o universo. A carapaça, em forma de cúpula, representa o céu.

A barriga representa a terra, que se consegue mover na água. Como na realidade vive muito mais anos do que a maioria dos animais, tornou-se símbolo da imortalidade. Os escritores, poetas e artistas chineses tornaram a

tartaruga uma fonte de inspiração para histórias tradicionais, histórias exemplares, poemas e obras de arte.

A tartaruga aparece também com frequência esculpida em pedra, na base de edifícios grandiosos.

Nos templos budistas há geralmente tanques onde nadam tartarugas e os visitantes alimentam-nas com carinho e respeito.



O Ch'i lin

O Ch'i lin é um ser imaginário que tem o corpo parecido com o dos veados, dos cavalos e dos dragões, patas de cavalo, cabeça grande de olhos redondos e uma haste na testa parecida com a dos unicórnios imaginados pelos povos da Europa. A ponta dessa haste é macia porque não serve para agredir.

O corpo do Ch'i lin é coberto de escamas de cinco cores: amarelo, encarnado, azul, branco e preto. A sua voz lembra campainhas, sininhos, flautas ou outros instrumentos musicais.

Este simpático Ch'i lin representa harmonia, benevolência, retidão. Por isso não faz mal a ninguém e os chineses consideram-no símbolo da perfeição e do bem.

Tal como os outros animais míticos, o Ch'i lin é muito utilizado pelos artistas na decoração das suas obras.

Na Europa, o ser imaginário que mais semelhanças apresenta com o Ch'i lin é o unicórnio, pois tem corpo de cavalo, um corno pontiagudo na testa e também simboliza perfeição, pureza e bondade.



Agradecimentos

Para escrever esta história contámos com o apoio precioso, que muito agradecemos, dos especialistas: Dr.^a Maria Antónia Pinto de Matos, diretora do Museu do Azulejo; Professor Luís Filipe Barreto, presidente do Centro Científico e Cultural de Macau; Dr. António Abreu.



© Reservados todos os direitos, Fundação Jorge Álvares

Edição

Fundação Jorge Álvares

Av. Miguel Bombarda, n.º 133 – 4.º E

1050–164 Lisboa, Portugal

fundacao@jorgealvares.com

Autoras

Ana Maria Magalhães

Isabel Alçada

Design gráfico, maquetização e arte final

TVM Designers

Ilustrações

Carlos Marques

Impressão

Multitipo, Artes Gráficas, Lda.

Revisão de texto

Maria de Fátima Carmo

Tiragem

75 000 exemplares



Lisboa, abril de 2014

Depósito legal n.º 371 745/14

Edição não comercial — PROIBIDA A VENDA